CHAMA

DIRECTOR ★ A.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO ★ A.C.C. JOÃO MANOEL O. MARTINHO
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
15 DE ABRIL DE 1963
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

O GRANDE ENCONTRO

TESTEMUNHO

ARTIGO DE J. MARIA ANTUNES

Nós, a juventude, precisamos de definir posições, e marcar presença. Devemos estar cônscios do que valemos, mas temos que aplicar a força que possuímos numa causa justa e digna de merecer o nosso apoio.

Como vós sabeis, tão bem como eu, a juventude actual, navega num mar de indiferença no campo religioso. Tudo o que se relacione com a moral, é encarado pelo jovem duma maneira deturpada. Entendemos que não são problemas com os quais nos devemos preocupar, como elaborarmos a nossa vida fora de todos os princípios da Moral cristã.

É precisamente a esta realidade deturpada que o GRANDE ENCONTRO vem procurar pôr termo, e mostrar ao jovem, em toda a sua plenitude, o «caminho» que deve trilhar.

Ser católico, solidário com a doutrina professada, e interessar-se pelos problemas da Religião, não é como muitos pensam, ser beato ou menos homem, pelo contrário, é ser coerente com os princípios que livremente escolhemos como directrizes de toda a vida.

Nós, jovens de hoje, homens de amanhã, temos responsabilidades que nos são inerentes, às quais não nos podemos esquivar. Precisamos de nos impor e só o faremos ao evidenciar uma personalidade férrea, edificada há luz dos mais sólidos princípios da Moral cristã.

Na sociedade não devemos, não podemos, ser elementos inúteis. Com o exemplo devemos impressionar o semelhante, ser modelos de virtude, no cumprimento dos deveres de estado e nos deveres religiosos. A nossa acção junto do semelhante pode ser enorme. Procurando expandir a fé e a doutrina que professamos, contribuimos não só para o bem do próximo, mas também para a nossa própria santificação.

Sobre nós, com já disse, pesam responsabilidades imensas. Portugal e Cristo confiam em nós. Estamos preparados para não os desapontar?

Nenhum jovem pode viver sem um «ideal» pois este é fruto de um anseio profundo que brota do mais íntimo do nosso ser. Na medida em que este ideal seja um ideal sublime, assim a juventude será uma juventude radiosa, na qual a geração actual não terá receio de depositar a sua confiança. Merecemos nós essa confiança?

Futuros pais de famílias, como educaremos os nossos filhos, se não tivermos como espelho a imagem de uma juventude edificante?

O Grande Encontro será pois uma assembleia de jovens e para jovens, onde poderemos encontrar, as respostas correctas às nossas dúvidas e anseios, o rumo certo para o nosso navegar, nas águas revoltas do mundo actual.

DUARTE DE ALMEIDA

O corpo sempre frágil e mortal
Despedaçado, roto, embrutecido,
Quer que caias, que morras esquecido
De mostrar o pendão de Portugal.

Repara nos teus braços, onde estão?
Onde estão essas mãos que tanto amavas?
Onde está a bandeira que agarravas?
— As mãos, os braços tudo está no chão.

A Bandeira que querieis que eu erguesse
Altiva e bela até que eu morresse,
Aqui está bem junto ao pé de mim.

Não tenho mãos já para a levantar,
Mas tenho ainda dentes p'ra mostrar
E alma portuguesa até ao fim!

A. R. PEDROSO

COMEMORAÇÕES DO DIA DO PATRONO

(Ver notícia nas páginas centrais)

ACAMPAMENTOS — ESCOLAS DE CONVIVÊNCIA

ARTIGO DE **MANUEL ESTEVES**

O jovem, seja qual for as suas condições, caracteres, princípios e tendências, tem um estado social donde inexoràvelmente há-de enquadrar-se e actuar, sob pena de perder em sua renúncia o seu tributo de jovem. Este apartado sociológico está baseado do princípio ao fim por uma constante imperativa: Formação.

A vida do jovem é uma contínua aprendizagem, um exigente ritmo vital de perfeição.

Não se pode, pois, olvidar que uma juventude carente de este sacrifício é na sucessão humana um eco desfaçado ou uma linha interrompida. Se esta aprendizagem se malogra, a geração resultante será uma geração malograda. Esta é, sem somzras de dúvida, a primeira consideração do homem jovem.

A Mocidade Portuguesa proporciona aos seus filiados uma aprendizagem de uns valores, principios ou virtudes que a sociedade portuguesa tem depositado nela como o órgão mais representativo e caracterizado. Tem função de suprir, complementar ou cooperar com a família, a escola, o trabalho e com quantas instituições que se arbitrem para a formação da juventude.

Os acampamentos da «Nossa» Organização constituem as mais altas expressões no que diz respeito à convivência da juventude. O jovem aprende a conviver com a sua família, os seus superiores. Não existe lugar

algum para dar ideia fiel da personalidade juvenil como o acampamento. Ali, as alegrias, desmazelos e rudes trabalhos conformam-se em vivências intelectuais, em princípios de moralidade; em modo de ser.

N. R. — É com o maior agrado que hoje publicamos este artigo do nosso antigo chefe de Redacção, actualmente a prestar serviço na Força Aérea, e a quem desejamos as maiores felicidades.

Ramos Lopes

José Ramos Lopes seguiu no último contingente militar a prestar serviço na nossa província de Moçambique.

É mais um filiado da nossa geração escolar que vemos partir para tão alta missão e estamos certos que bem há-de honrar o exército onde milita e a Organização que o formou.

Esteve dois anos ausente da Covilhã mas na antevéspera de embarcar aqui veio trazido pela saudade e pela gratidão abraçar os antigos professores e os colegas do seu tempo.

Connosco passou algumas horas que foram de recordação e de projectos para o seu futuro.

«Chama» exprimindo o pensamento de todos os Dirigentes e filiados deseja-lhe as maiores felicidades.

o cão amarelo

por **PINTO DA SILVA**

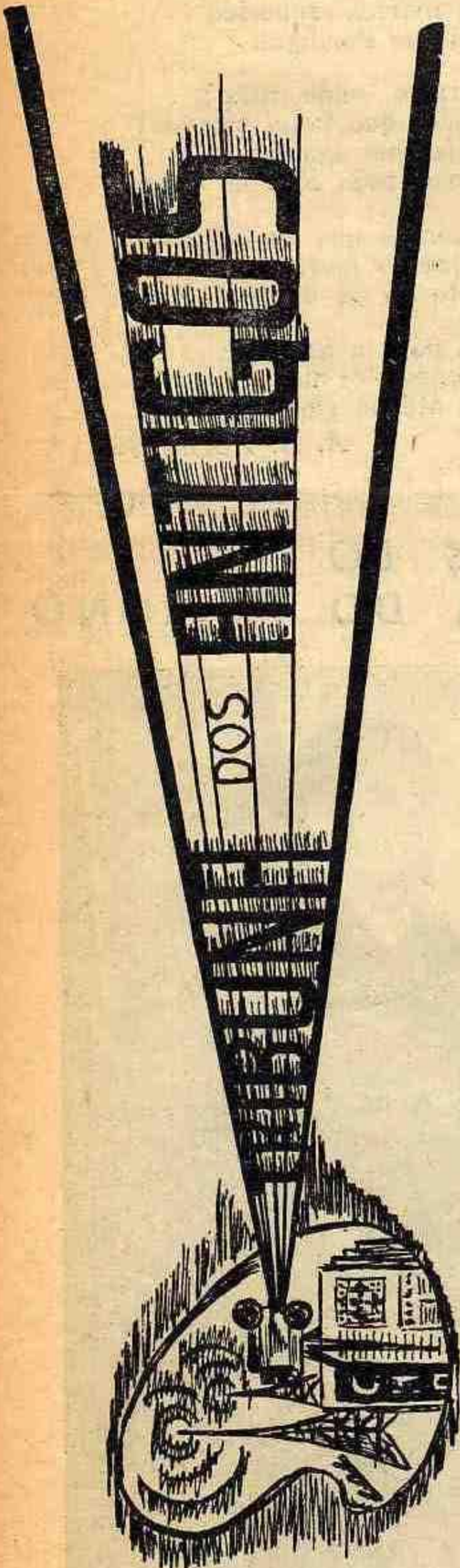
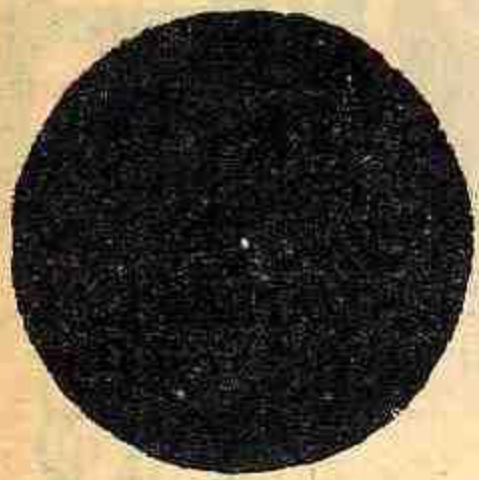
Nas ruas sinuosas e estreitas
E nos becos lamacentos,
Uma criança brinca.

Corre atrás do seu cãozito amarelo.

O seu sorriso irradia alegria
por todo o bairro miserável,
E as gargalhadas do miúdo
ecoam por aquele conjunto desventurado,
Onde reina a injustiça e o infortúnio.

Mas eis que na corrida desenfreada
a criança cai
E rola p'la encosta abaixo.

Não sinto já o rir cristalino da criança
Sinto... muito afastado
O choro...
De um menino desamparado
Que rola p'la encosta.

E cá em baixo
Junto a uns ramos espinhosos
A criança jaz.
Não correrá mais
Nem as suas gargalhadas ecoarão no bairro desventurado.
Junto a ele... o cãozito amarelo
Espera impaciente
Que a alegre criancita
De novo comece
A louca correria
Pois ele (o cãozito amarelo)
Não sabia
Que jamais terminaria
Tão louca correria.

INICIAÇÃO LITERÁRIA

A VIDA

conto de Fernanda Frazão

Mais um livro mais outro, um caderno e outro e outro, era assim que se compunha a mesa de estudo daquela estudante irrequieta que era a Isabel.

Ordem! Oh! Mas conhecê-la-ia ela!

Mas, contudo, aquele desarranjo, no seu material, não significava, que a sua maneira de ser fosse idêntica.

Sabia bem o que queria, sabia definir situações e qual a que ela ocupava.

Era ordenada, até na maneira de pensar.

Tinha excepcionais qualidades de rapariga e de estudante, porque sabia o que significava ser uma coisa e outra.

Nesse dia, fatigada física e moralmente encostou a cabeça junto a uma pilha de dicionários e os olhos fecharam-se. Adormecida...

Não, apenas a sonhar acordada, ou melhor pensar.

Então sem querer pensou num caso sucedido acidentalmente, junto dela, quando passava, no corredor.

Despreocupada passava, mas umas vozes um pouco mais elevadas do que o normal, o que por isso lhe chamou a atenção, diziam: «Mas oh! «pá» tu disseste isso, se foi com boas ou más intenções, não sei, mas disseste.»

Respondia o outro «Não disse, mentiroso, só queres, por-me mal colocado, porque nunca conseguiste ser como eu, só queres que eu seja humilhado, porque tu és um falhado, porque és medíocre em tudo, até no procedimento, para com os amigos. Que és tu senão um dos muitos *zeros*, que pululam na nossa sociedade?

Que és tu, senão filho do Senhor Fulano...

Sim, tu, queres-me humilhar, chamando-me caluniador, porque invejas os dotes que Deus me deu e que com árduo trabalho pus a render...»

Enfim, isto e mais a Isabel escutou. Ficou penalizada, com colegas seus, rapazes educados, os futuros pilares da sociedade futura, aqueles que terão as rédeas do mundo, discutiam, vexavam-se, por inveja.

Que tristeza a invadiu, afinal esse mal, que ela achava que encontraria, apenas naqueles que por infelicidade, não souberam quanto é precioso, descortinar o mundo da ciência. Só nesses, pobres de espírito, ela os julgava susceptíveis desse mal.

Enganara-se... Passo a passo tinha observado que se enganara muito nas conjecturas que fizera do mundo.

Afinal nenhum livro, melhor que a própria vida, nos ensina.

A vida são os factos consumados e nós perante esses factos e não perante simples narrativas que nos deixam insensíveis.

Só a vida, só o rodar dos anos, nos dão a exactidão do sentido da própria vida.

Afinal, porque se admirava ela de ver lutar, ou melhor discutir dois colegas por inveja? Se olhasse a história, que veria nos povos, como força de impulsão nas massas anónimas, senão a Inveja?

Porque foi famoso Alexandre? Porque ganhou batalhas, após batalhas, porque fez um império famoso, grandioso em tamanho e riqueza, sim. Mas porque fez ele isso, senão por simples inveja dos outros povos, de ambição, de desejo de glória e fama eterna? Se não fossem esses sentimentos, nunca existira Alexandre o «Grande», nem um povo Romano.

Sim, porque lutaram os Romanos, senão por inveja do que os outros possuíam querendo aniquilá-los, destruindo-os. O que os levou a isto? Piedade humana, desejo de beneficiar os outros? Não, não, lutaram, romanizaram o mundo por ambição, por desejo de riqueza.

Como foi e como é o mundo. Que triste realidade. Onde está a pureza de sentimentos?, onde está o amor ao próximo?, onde está o homem que a mensagem cristã esculpiu?

Pobre rapariga, pobre estudante, onde irá ela descobrir esse modelo? Já a vida lhe ensinou algo mas não fica por aqui. A nossa vida é um contínuo estudo, até ao último segundo, quando dizemos:

«Como eu vivi, se voltasse atrás o que eu faria?»

Sim, a vida é um livro, que os jovens, os sustentáculos do mundo, saibam ler nesse livro.

ASSIM FESTEJÁMOS DUARTE DE ALMEIDA

PRESIDIU O COMISSÁRIO NACIONAL

Entrega das insígnias da Prova de Aptidão do Graduado

MISSA EM S. FRANCISCO

Pelas 12,30 horas foi celebrada a Santa Missa na Igreja de S. Francisco pelo A.Q.A.R. Pe. Baptista Fernandes a que assistiram as autoridades locais, Dirigentes e filiados do Centro e muitos familiares dos alunos do Liceu.

À homília dirigiu o celebrante uma entusiástica e vibrante exortação à juventude tendo-lhe apontado o caminho de Deus e da Pátria como o mais nobre ideal para a sua vida de cristãos e portugueses. Durante este acto religioso receberam a Medalha de Aptidão litúrgica alguns filiados.

A Santa Missa foi acompanhada pelo Grupo Coral Feminino que entoou cânticos sob a regência da senhora D. Maria Bernardette Vaz de Azevedo Dias.

SESSÃO SOLENE

Pelas 15 horas começaram a chegar ao Centro as diferentes entidades convidadas para a sessão solene e muitas famílias de alunos que pouco a pouco iam enchendo, completamente, o «amplo» ginásio do Liceu.

O Sr. Governador Civil do Distrito de Castelo Branco foi das primeiras pessoas que apareceram, tendo sido recebido pelo Director de Centro, Adjunto e Comandante da Ala com quem teve ocasião de travar ainda, demorada conversa.

Desde que Sua Ex.ª se encontra no exercício de tão alto cargo foi esta a primeira visita ao Liceu da Covilhã, o que representou para nós motivo de maior honra e júbilo.

Eram perto de 16 horas quando chegaram o sr. Comissário Nacional e Exma. Família, Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar e o Rev. Assistente Nacional que vinham acompanhados pelo Delegado Distrital, Director da Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco e Comandante da Divisão.

Palavras do Comissário Nacional

Realizou-se em seguida uma sessão solene no nosso ginásio. Antes da Conferência do Sr. Major Carlos Bessa, Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar, saudaram os nossos ilustres visitantes o Director e Comandante do Centro e o Comissário Nacional fez entrega das insígnias de Aptidão do Graduado aos Comandantes de Castelo deste Centro e, igualmente, da insígnia de Aptidão de Infantes aos filiados que realizaram a prova «Duarte de Almeida».

PALAVRAS DO C. N. ADJUNTO PARA O ULTRAMAR

«Chama» lastima não poder publicar na íntegra a magnífica oração que aqui proferiu o nosso Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar e que constituirá um dos próximos números das suas Edições.

Depois de se ter referido à satisfação com que se deslocara à Covilhã onde além do prazer de falar à juventude vinha encontrar no Director do nosso jornal um amigo que muito estima, disse:

«Sabido de todos é que, há quatrocentos e oitenta e sete anos, para defender a Bandeira Portuguesa, o Alferes Duarte de Almeida, foi decepado, ora da mão direita, ora da esquerda, e, crivado de golpes, ainda com os dentes a manteve até ao termo das suas forças».

«Depois de vencido, outro português — Gonçalo Pires — arriscou a vida decididamente para a recuperar, e, da acção conjugada dos dois, resultou que a Bandeira Portuguesa ficou como símbolo em poder dos portugueses, em vez de figurar como troféu nas mãos dos castelhanos.»

«Julgo que o convite que me foi feito, para além da gentileza que muito me desvaneceu, derivou de se pensar que seria útil abordar como tema o Ultramar português.»

«E, vistas bem as coisas, não me parece descabido fazê-lo precisamente nas comemorações do Patrono do Centro do Liceu da Covilhã. Além de outras, que adiante mencionarei, limito-me por agora a referir a de o nosso Ultramar ser assunto de importância e interesse tais que por ele serão, certamente, solicitados os jovens da Mocidade Portuguesa aqui presentes.»

Depois de ter explanado todos os problemas, suas causas e ansiedades, que presentemente deparamos nas províncias ultramarinas e que toda a numerosa assistência seguiu com interesse crescente e coroou com veementes aplausos o sr. Major Carlos Bessa afirmou a terminar:

«Para terminar apenas lhes direi mais uma palavra. No Exército, o porta-bandeira é escolhido dentro da mais elevada classe — a dos oficiais — e dentro dela entre os mais jovens e os

A assistência encheu o Ginásio

mais entusiastas — os alferes.»

«Ser porta-bandeira é uma honra que não merecem senão os melhores e os de mais vigorosa fé.»

«O Alferes Duarte de Almeida mostrou com o seu sacrifício e o seu exemplo que acima da vida se deve pôr a decidida vontade de não permitir que a Bandeira Portuguesa, onde quer que seja, tombe ou caia em poder dos inimigos e mostrou mais que, para a defender, bastam os dentes.»

«Novas bandeiras procuram no Ultramar erguer-se onde até agora tem flutuado a de Portugal.»

«Os jovens portugueses que têm sido chamados às fileiras, tantos deles depois de terem vestido a farda da Mocidade Portuguesa, têm mostrado também que não deixarão que isso aconteça e têm escrito belas, consoladoras e novas páginas da nossa História.»

Encerrou a sessão solene o nosso Comissário Nacional que, depois de ter saudado o governador civil de Castelo Branco e Presidente da Câmara da Covilhã, proferiu breves considerações sobre os problemas da Mocidade Portuguesa na hora actual.

«Falar Verdade a Mentir»

VARIEDADES

Seguiu-se depois uma parte recreativa. Em primeiro lugar representou-se a comédia «Falar Verdade a mentir» de Almeida Garrett

O modo como os diversos papéis foram desempenhados teve na assistência calorosa ovação final.

Seguiu-se um pequeno momento de hipnotismo em que o Rui Cavaca Marcos e o José Luís Pimentel mal tiveram tempo de mostrar as suas possibilidades, pois a hora ia já muito adiantada. Mesmo assim arrancaram da assistência fortes aplausos.

Momento de Hipnotismo

O Grupo Coral Feminino regido pela professora de Canto Coral senhora D. Maria Bernardette Vaz de Azevedo apresentou quatro números que foram intercalados por interpretações de poesias.

Teve lugar a seguir um momento de gargalhada. Os jograis improvisados António Reis Pedroso, José Maria Antunes e Óscar Monteiro apresentaram em verso críticas aos professores e ao ambiente do Liceu.

Finalmente actuaram «Os Condes», conjunto ligeiro existente no Centro e que não tem podido mostrar as suas possibilidades devido a diversos factos, dos quais o mais importante é a qualidade dos instrumentos. Apesar de actuarem desfalcados por estar ausente o acordeon agradaram inteiramente.

JANTAR

Pelas 21,30 horas foi servido um jantar de homenagem aos nossos ilustres visitantes a que presidiu o Presidente da Câmara em representação do Governador Civil.

Além das entidades oficiais esteve presente todo o Conselho de Centro do Centro Escolar n.º 2 com os chefes das respectivas sub-secções e os filiados que colaboraram na festa do Patrono.

O Comissário Nacional entra no Liceu

NA SERRA DA ESTRELA

O A.Q.G. Dr. Fernando Panarra, Director do Centro Especial de Sky e Montanhismo, ofereceu no dia seguinte um passeio à Serra da Estrela ao Comissário Nacional, Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar e Assistente Nacional em que participaram Autoridades, Dirigentes, o Comandante da Ala e filiados do Centro de Sky.

Foi servido um almoço nas Penhas da Saúde em seguida ao qual se regressou à Covilhã.

VISITA À CASA DA MOCIDADE

Antes de partir para Lisboa o sr. Comissário Nacional, acompanhado por todas as pessoas que estiveram na Serra da Estrela visitou a Casa da Mocidade onde foi recebido pelo seu Director.

«Chama» exprimindo o pensamento de todos os Dirigentes, Graduados e Filiados do Centro 2 agradece reconhecidamente a Suas Ex.as a honra que a todos deram ao deslocar-se à nossa terra e ao nosso Centro por ocasião das festas do Patrono.

A.C.C. João M. Martinho

MOVIMENTO

CURSO DE CHEFES DE QUINA

Tendo o heróico defensor de Dio, Fernão Penteado como patrono e por divisa «Lutar até morrer» começou o IV Curso de Chefes de Quina do C. E. n.º 2 de que é Director o A.Q.G. José Fernando da Graça Bordadágua e Comandante o C.C. António Gomes Forte.

CONSELHO DE CENTRO

Atendendo ao muito trabalho da secção Cultural foram nomeados para trabalhar na referida secção os A.C.C. Orlindo do Nascimento Maia e José Maria Godinho Soares Antunes.

SALA DO FILIADO

Foi nomeado encarregado da Sala do Filiado o C.C. João António Esgalhado de Oliveira.

CAMPANHA DE S. JORGE

Ficou assim constituída a nova Direcção desta Campanha:

Presidente — Reitor do Liceu e Director do Centro

Secretário — C. C. João Baptista dos Santos

Tesoureiro — C. C. António Gomes Forte

SUBSECÇÃO DE TEATRO

Foram escolhidos para o Grupo Teatral dos Centros da M. P. e M. P. F. os filiados:

Maria Fernanda Tiago Frazão
Maria Eugénia da Costa Gouveia
Maria Alice Gil de Campos
Ana Maria Mendes Peres
Maria Fernanda Caleiro dos Santos
António Gomes Forte
António Reis Pedroso
José Proença Mendes
Carlos Alberto da Silva Franco
Alberto Rui Branco de O. Neves
Oscar Mangana Monteiro
José Maria Soares Antunes
Alberto Branquinho

SECÇÃO DESPORTIVA

Foram constituídas as seguintes equipas:

Tiro

C. C. José Proença Mendes, A.C.C. João Nuno Ferreira Saraiva, A.C.C. Vítor Manuel Andrade Antunes, A.C.C. João José Almeida Francês.

Voleibol

Vanguardistas B

C.C. João António Esgalhado de Oliveira, A.C.C. João Nuno Ferreira Saraiva, A.C.C. José Hermínio Rato Rainha, A.C.C. Walter Marques Jacinto, Filiados Manuel da Silva Ramos, António José Ferreira Pereira, Alfredo Pinto da Silva, José de Assunção Fastio Ferro.

Vanguardistas B

C.C. José Proença Mendes, A.C.C. Carlos Alberto Rosa Marques, A.C.C. Carlos Alberto Làzinha Neves, Filiados Óscar Albano Mangana Monteiro, António Augusto Figueiredo Fino, Adelino Henrique Sousa de Oliveira, João Madeira Antunes.

Andebol de 7

C.C. José Proença Mendes, C.C. João Baptista dos Santos, C.C. António Gomes Forte, A.C.C. Carlos Alberto Rosa Marques, A.C.C. Carlos Alberto Làzinha Neves, Filiados José Maria Godinho Antunes, Adelino Henrique de Sousa Oliveira, Óscar Albano Mangana Monteiro, António Augusto Figueiredo Fino, João Madeira Antunes.

Ténis de Mesa

Vanguardistas B

A.C.C. Fernando Jorge Ponces de Carvalho, Filiados Adelino Henrique de Sousa Oliveira, João Madeira Antunes.

Vanguardistas A

A.C.C. João Nuno Ferreira Saraiva, Filiados António Manuel Ferreira Pereira, Alfredo Pinto da Silva.

Infantes

António Manuel Pinto Fazendeiro, Fernando Manuel Gaiolas, José Manuel Pereira Mosa.

«Diário de Coimbra»

Mais uma vez o «Diário de Coimbra» se referiu em termos que sinceramente nos desvaneceu ao nosso jornal e aos nossos empreendimentos.

Muito gratos pela referência com que honrou o último número da «Chama» transcrevemos as palavras com que nos quiseram honrar e que muito agradecemos:

FÉRIAS NA PRAIA

UMA INICIATIVA DA M. P. DO LICEU DA COVILHÃ

Covilhã — A nossa mesa de trabalho acaba de chegar o simpático jornal «Chama» — editado pelo Centro Escolar n.º 2 da Mocidade Portuguesa, do Liceu da Covilhã — que o nosso prezado amigo sr. dr. João Manuel Leite de Castro dirige, com proficiência e acrisolado carinho pela educação da juventude.

O presente número traz consigo um interessante suplemento para infantes, de bom aspecto gráfico e boa concepção literária.

Mas da sua leitura atenta — em que a reportagem, o artigo de fundo e a simples notícia nos dão uma ideia clara do espírito jornalístico que o orienta—uma iniciativa nos chamou a atenção.

Trata-se procurar dar aos nossos rapazes do Centro Escolar n.º 2 umas férias tranquilas, em ambiente de são viver, no Centro de férias da Areia Branca, na praia que lhe dá o nome.

Por um mínimo de dispêndio financeiro, os rapazes terão alí quinze dias de repouso e vida sã.

Cabe aos pais o impulso da ideia e aos rapazes o abraçar a iniciativa que justamente se aplaude e lhes proporcionará deixar a Serra rumo ao Mar.

Que ninguém falte e dê à iniciativa a corporização que merece.

De resto, até Agosto é um assunto para irem pensando.

Estamos, portanto, perante mais uma iniciativa a que «Chama» se alcandorou e que vai incentivar e possibilitar a desejada concretização. — C.

CORPO REGIONAL DE GRADUADOS

«Chama» felicita o Comandante do Centro Escolar n.º 2 pelo louvor que lhe concedeu a Delegação Distrital e pela condecoração com a Medalha de Assiduidade.

Igualmente nos é grato registar a nomeação do C. B. Rolão Bernardo para Comandante da Ala da Covilhã, cargo em que certamente continuará a bem servir e prestigiar a nossa Organização.

C. B. ROLÃO BERNARDO

Carlos Teixeira

Deixou de prestar serviço na Subdelegação por ter sido transferido para Torres Novas o senhor Carlos Alberto Fernandes Teixeira que durante alguns anos serviu dedicadamente a Mocidade Portuguesa.

Os filiados do Centro Escolar n.º 2 não querendo que partisse da Covilhã sem que lhe tes emunhassem o seu apreço e gratidão ofereceram-lhe no momento da partida, simples lembranças e recordações do seu trabalho na Organização e na Covilhã.

«Chama» deseja ao seu amigo Carlos Alberto Teixeira as maiores felicidades.

SEGUNDO ANIVERSÁRIO DA CASA DA MOCIDADE

Foi há dois anos que o nosso sonho se tornou realidade e vimos nascer na Covilhã a Casa da Mocidade.

Não podíamos esquecer o facto nem deixar de o comemorar numa simples sessão que fosse acima de tudo uma afirmação da nossa presença na hora actual e um acto de esperança rumo ao futuro.

Com a presença do Presidente e Vice-Presidente da Câmara, Autoridades locais, Dirigentes da Organização e muitos encarregados de educação teve lugar uma sessão em que foi orador o A. Q. G. Dr. Cândido Baptista que versou o tema «O Ultramar na hora actual».

Antes da Conferência deste nosso professor usaram da palavra o Presidente e o Director da Casa da Mocidade.

«Chama» irá publicar nas suas edições o trabalho do Dr. Cândido Baptista, estudo de muito interesse e que toda a assistência aplaudiu calorosamente.

Encerrou a sessão o Presidente da Câmara que teve palavras de muito apreço para o conferente e para a Direcção da Casa da Mocidade.

PASSATEmPO

A.³ B.

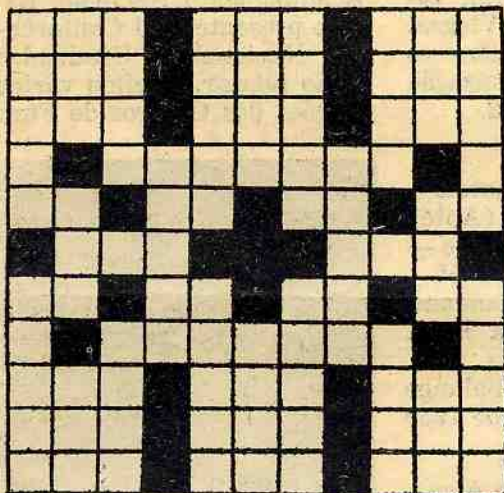
SUGESTÃO

Todos nós temos livros de estudo usados em anos anteriores. Aqueles que são de anos do mesmo ciclo que frequentamos ainda nos são necessários, mas com os que são dum ciclo já passado não sucede o mesmo.

Por isso «Passatempo» lança a seguinte ideia:

— Se todos aqueles que não têm irmãos mais novos estiverem dispostos a entregar esses livros que já não lhes são necessários, o Centro aceitá-los-á e os entregará à guarda do bibliotecário com o fim de serem cedidos a filiados a quem se reconheça mérito e necessidade desta ajuda.

Logo que esses filiados ou filiadas os não precisassem, do mesmo modo os devolveriam.

Oxalá esta SUGESTÃO venha a ser uma realidade. ISSO DEPENDE DE VÓS!

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 — Membro anterior das aves; altar; unidade (fem.); 2—Título inglês; casa; condimento; 3—Gosta; arco; acolá; 4—Invólucros de vidro; 5—Atmosfera; anuro; artigo defenido (forma arcaica); abreviatura de senhor; 6—Vazia; irmão do pai; 7—Grito de dor; entrega; estuda; outra coisa (arcaico); 8—Chorara; 9—Colégio de Castelo Branco; rio da Suíça; faz em pedaços; 10—Dentes molares; braço de mar; mãe do pai; 11—Gosta; contracção de preposição e artigo no plural; socorro.

Verticais: 1—Ageitada; na parte superior; 2—Afirmação; tritura; barulho; 3—Tratar da terra; lar; 4—Aldeia da Beira Baixa; 5—Com asas; espécie de papagaio; 6—Pouco vulgar; fumeiro; 7—Faça cheirar bem; instrumentos musicais; 8—Objecto para exercícios de ginástica; 9—Vestes; gostas; 10—Doença; vibra; germen das aves; 11—Unira; espécie de árvore.

— Ai! Desculpe, menina! Julguei que era a minha mulher...

ANEDOTA

A professora inglesa na aula de geografia:

— Onde se encontra o cacau?

— Não sei, «miss»; a mamã hoje escondeu-o noutro sítio...

MIRADOIRO
(crónica muito crónica)

Do casamento do A. Q. G. Dr. Leite de Castro com a «Chama» já nasceu um filho — o Suplemento...

Caras e casos do último número

(VER O N.º 12)

2.ª Página

FILIADAS COM OS ENXOVAIS DISTRIBUIDOS

Ih! Tantos bébés!!...

3.ª Página

EM CASA DA SUBDELEGADA DA MPF

O Baptista fala:

—E agora, Senhora D. Judith, deixemo-nos de palavras e vamos mas é comer uns bolinhos...

4.ª página

O MAIS FORTE

Ao acabar de ler este conto cheguei à conclusão de que MAIS FORTE sou eu que consegui lê-lo até ao fim...

5.ª página

CONTOS À LAREIRA

Ora aqui temos, senhores, mais um conto «Paisano».

6.ª página

GRAVURA INFERIOR À ESQUERDA

Diálogo às 3 horas da manhã naquela camarata com uma «janela virada pró mar»:

— Ó Zé!

— Quem me chama?

— É o vizinho do 1.º andar...

GRAVURA SUPERIOR À DIREITA

Em virtude do arrojo e do Director e do Chefe de Redacção está o jornal suspenso por três meses e vai-se proceder a um inquérito disciplinar.

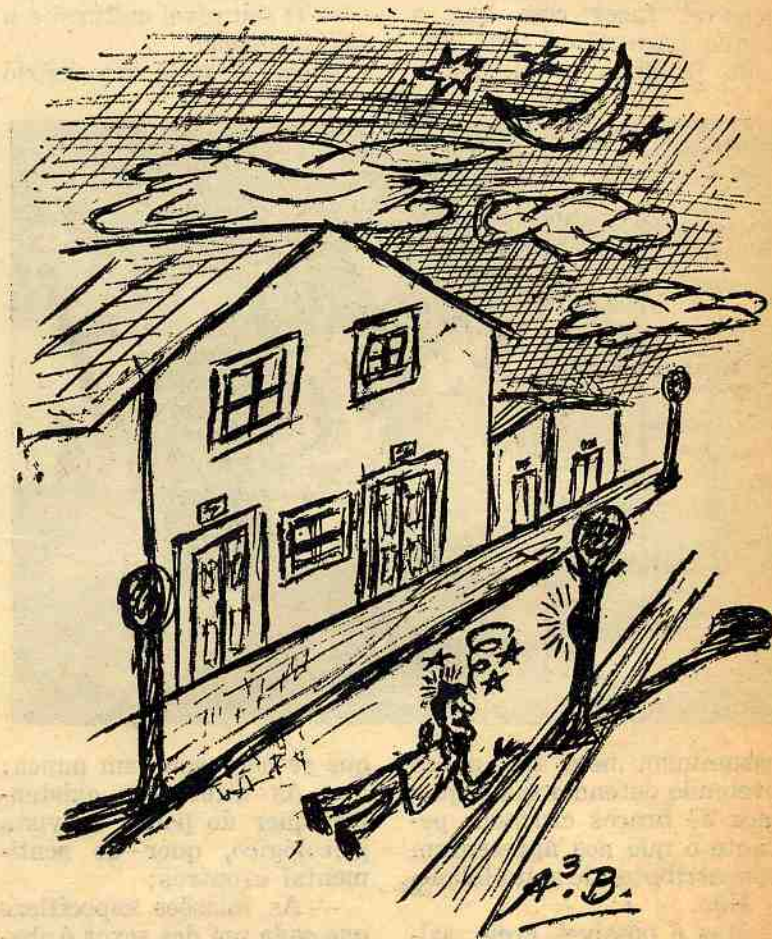
Manuel Cem Sura

12.ª página

DESFILE

Como a fotografia foi tirada de ao pé do sinaleiro, o Zé Orlando faz sinal que volta à direita, enquanto que o Esgalhado quase que se acaba de partir a olhar à esquerda... (para alguma moça que passava).

IMPOSIÇÃO DE INSIGNIAS

O Zé a meter o nariz onde não é chamado...

O BÊBADO:
— V. Ex.ª queira desculpar...

PORQUE NÃO UMA SÓ MOCIDADE?

ARTIGO DO A. Q. G. LIBERTÁRIO VIEGAS

Conforme dizia no «Talha Mar» de 4 de Março de 1961, uma das razões porque me agradou mais ter assistido à inauguração da Casa da Mocidade da Covilhã foi a colaboração, que já então tive ocasião de verificar, entre a Mocidade Portuguesa e a Mocidade Portuguesa Feminina locais.

Guardei dessa visita inolvidáveis recordações quer como graduado da Mocidade, quer do ponto de vista pessoal. Por isso procuro seguir sempre as vossas actividades.

Assim, é com gosto que hoje vos falo sobre esta questão que me parece fundamental numa autêntica educação — o convívio entre rapazes e raparigas.

Se vivemos na segunda metade do século XX torna-se imperativo que a educação da juventude se faça de forma adequada; é que não é possível fazer parar o tempo.

Quando afirmo que é impossível fazer com que o tempo páre não é uma atitude fatalista a que estou assumindo, nem tão pouco pretendo defender que fiquemos de braços cruzados perante o que nos apresentam com atributos de actualidade.

Não.

Mas é possível, creio, salvaguardar determinadas bases que a nossa consciência cristã e ocidental nos impõe que salvaguardemos, embora aligemos tudo quanto se sabe ultrapassado.

As nossas duas organizações procuram preparar o Futuro; futuro em que os rapazes e as raparigas de hoje terão necessàriamente de estar lado a lado. Portugal será forte se forem harmoniosas e fortes as células base de toda a estrutura nacional — as Famílias. E estas serão o reflexo insofismável da formação que hoje recebe rem os rapazes e raparigas.

O problema do convívio é, assim, um dos mais delicados e, por isso, não pode ser negligenciado por opiniões e preconceitos pessoais.

Como causas que condicionem as actividades a realizar, deveremos ter sempre presentes as seguintes:

— As idades dos rapazes e raparigas que poderão tomar parte nesse convívio;

— O seu nível cultural e a sua formação.

Além disso é necessário que se não esqueçam nunca:

— As diferenças existentes, quer do ponto de vista psicológico, quer do sentimental e outros;

— As missões específicas que cada um dos sexos é chamado a desempenhar na sociedade;

— Os ensinamentos da Igreja e da pedagogia moderna.

Postos assim os problemas que suscita o convívio entre rapazes e raparigas, encaradas as formas que o mesmo pode assumir e acompanhadas todas as suas actividades por Dirigentes esclarecidos e dedicados, será útil realizar tal trabalho, com a certeza antecipada de que se está prestando grande serviço aos jovens.

É isso o que procuram fazer na Covilhã onde, aliás, já há realizações concretas nesse caminho, pelo que me permito lançar daqui o meu brado de aplauso.

Continuai!

POSIÇÕES DIFERENTES... MESMOS IDEAIS

Pela Ordem de Serviço n.º 8 do C. N. de 15 de Janeiro passado foi nomeado Assistente do Quadro Geral, Libertário dos Santos Viegas, graduado que foi entre os primeiros da Organização até Setembro de 1962.

PROMOÇÕES

- Comandante de Castelo — curso de E.R.G.A. (Apto)
- Comandante de Grupo — 1 de Dezembro de 1955
- Comandante de Bandeira — XXXI curso da E. C. G. (muito apto)
- Comandante de Falange — 1 de Dezembro de 1959

LOUVORES

- O. S. da Divisão de Algarve de 25-9-953
- O. S. da Divisão de Lisboa de 6-1-959
- O. S. da Divisão de Lisboa de 24-9-959
- O. S. do Comissário Nacional de 1-10-960

MEDALHAS

- Assiduidade e Aprumo do Centro de Instrução de Milícia n.º 5 (1956-1957)
- Assiduidade (1-6-956)
- Insígnias de cobre, prata e dourada da Prova de Aptidão do Graduado.

LUGARES DE COMANDO

- Ala de Faro em 1956-1957
- Ala do Barreiro em 1957-1958
- Ala de Lisboa em 1958-1959
- Divisão de Lisboa em 1959-1960
- Centro Escolar n.º 1 de Faro
- Centro Extra-Escolar n.º 1 de Faro
- Centro de Milícia n.º 5
- Centro Extra-Escolar n.º 2 do Barreiro
- XVI Acampamento Nacional de Milícia.

Comandou ainda a representação do Algarve no Acampamento Nacional. Esteve presente na I Conferência Nacional de Graduados como relator. Chefiou várias secções dos Centros de Faro

e na Casa da Mocidade a cuja direcção pertenceu em duas gerências.

Foi redactor do Talha-Mar; pertenceu ao Comando do C.N.G.; foi ajudante de campo do Comandante Geral da Milícia em 1960 e do Comissário Nacional em 1961.

Foi Secretário Geral do IV Encontro Nacional de Graduados e está já a trabalhar na Escola de Formação de Quadros.

Libertário Viegas colaborou já no nosso jornal e volta a fazê-lo hoje com um artigo pleno de actualidade.

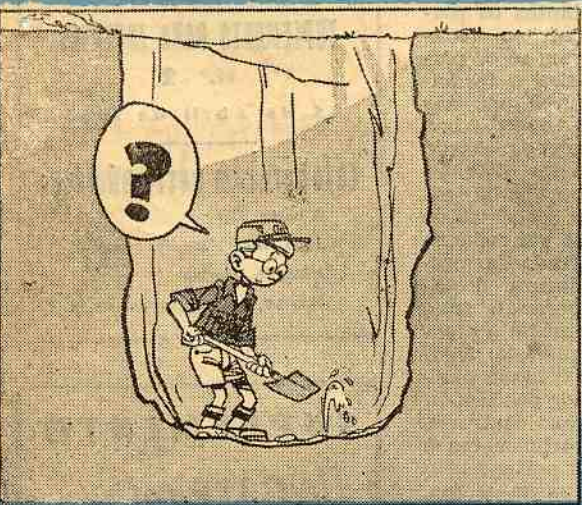
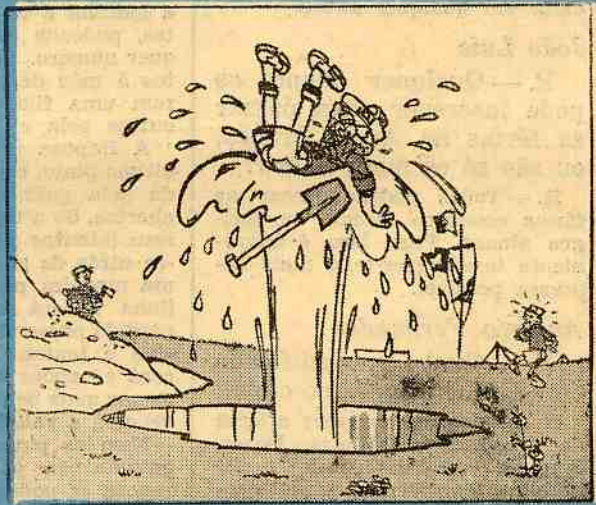
Ao começar a sua nova vida dentro da Organização desejamos-lhe as maiores felicidades e estamos certos que sempre lutará como quando graduado e pelos mesmos ideais.

CHAMA
SUPLEMENTO PARA INFANTES

15 DE ABRIL DE 1963 NÚMERO 2

NECAS EXPLORADOR

Apresento-lhes o Necas,
Rapaz mui trabalhador,
Desta vez bem disfarçado
De honrado cavador.

Quando pensa qualquer coisa
Vai até ao fim do mundo.
Que terá sonhado agora
P'ró poço estar assim fundo?

Mais algumas cavadelas:
Ei-lo bastante admirado
Ao surgir novo líquido
Do buraco já cavado.

Recomeça a trabalhar,
Agora com mais ardor.
Eis senão quando p'los ares
Vai o nosso explorador!

Nesta secção respondemos às perguntas que os nossos leitores achem por bem fazer-nos e que tenham interesse geral.

Às perguntas de carácter individual responderemos ao interessado directamente.

Estamos, pois, ao teu dispor.

Maria Manuela

P. — Quando chegar ao 6.º ano e se quiser ir para Assistente Social, qual a alínea que devo escolher?

R. — A tua pergunta fez-nos pensar que teria bastante interesse densenvolver o problema dos cursos. Assim, no próximo número, começaremos a tratar do assunto, não no suplemento mas sim na «Chama». Para já informamos-te de que te podes matricular em qualquer alínea.

João Luís

P. — Qualquer aluno se pode inscrever para passar as férias na Areia Branca, ou são só os mais velhos?

R. — Todos podem passar as férias connosco mesmo os antigos alunos. Para isso é conveniente inscreveres-te o mais depressa possível.

António Fernandes

P. — Qual o significado do «S» que usamos no cinto?

R. — Como deves saber o lema da Mocidade é «Honra, Dever, Servir e Sacrifício». Assim, o «S» no cinto tem por fim fazer-te conhecer que como filiado da Organização tens de Servir e Sacrificares-te com Honra para cumprir sempre o teu Dever.

PEQUENO PASSATEMPO

ANEDOTAS

Em certa aldeia do nosso distrito adoeceu o Sr. Prior e logo tal se passou a um domingo antes de celebrar a Missa. O sacristão, aflito, não sabia que fazer. O Senhor Padre chamou-o e disse-lhe:

— Vais à Igreja e avisas as pessoas que estou doente, não sendo portanto pecado ficar sem Missa; amanhã é o dia de São Pedro e São Paulo; na quinta-feira há um casamento e quem souber de impedimentos deve declará-los; vens pela sacristia e trazes um embrulho que lá está.

O sacristão correu o mais que pôde e chegado à Igreja disse o seguinte:

— O Sr. Prior está doente, não é pecado nenhum; amanhã é o casamento de São Pedro e São Paulo e quem souber dos impedimentos vá metê-los no embrulho que está na sacristia.

Disse a professora ao Antoninho:

— Diga uma frase em que entre a palavra menino.

— Minha irmã é casada, respondeu o pequeno.

— Então onde está o menino?

— Está lá em casa, nasceu ontem.

Dois ébrios vêm caminhando sobre a linha do comboio.

— Estas escadas são bastante cumpridas, diz um.

— E o pior, responde o outro, é terem o corrimão tão baixo.

Um jogo para o intervalo

Um jogador é a raposa, outro a galinha e os restantes os pintos, podendo estes ser em qualquer número. Agarram-se os pintos à mãe de maneira a formarem uma fila, seguros uns aos outros pela cintura.

A Raposa pretende agarrar o último pinto, este sempre defendido pela galinha com os braços abertos. Se a raposa conseguiu os seus intentos o pinto vai colocar-se atrás de si agarrado da mesma maneira pela cintura. A galinha poderá recuperar o filho perdido passando também à ofensiva e tentando agarrá-lo. Vencerá a raposa se conseguir aprisionar mais de metade dos pintos; vencerá a galinha caso contrário.

Nem os pintos pertencentes à galinha nem os que pertencem à raposa se podem separar da fila. Caso assim aconteça passarão para o lado contrário os que estão atrás do ponto onde a fila se partiu.

CHAMA

SUPLEMENTO PARA INFANTES

N.º 2

15 de Abril de 1963

Colaboraram neste número:

Alberto Gil

João Martinho

Miranda Garcia

Serviço de Publicações de M. P.

SUPLEMENTO

CUPÃO

2.ª JORNADA

Concurso histórico-fotográfico

2.ª JORNADA

Sensacional!
Formidável prémio!
O vencedor deste concurso terá direito a passar 4 dias na Areia Branca, durante as férias que o nosso Centro lá realiza.

Não deixes portanto de concorrer. Ainda estás a tempo de enviar as respostas à 1.ª jornada. Identifica as fotografias deste número e do anterior (se ainda o não fizeste). Entrega na nossa Redacção até ao dia 30 de Abril. Não percas tempo.

Já pensaste nas maravilhosas férias que poderás passar? Aproveita a oportunidade que Suplemento te oferece.

Presta atenção ao Regulamento publicado no número anterior.

Não há dificuldades, pelo que não deves deixar de concorrer. Não te esqueças de juntar o cupão que se encontra na pág. 2.

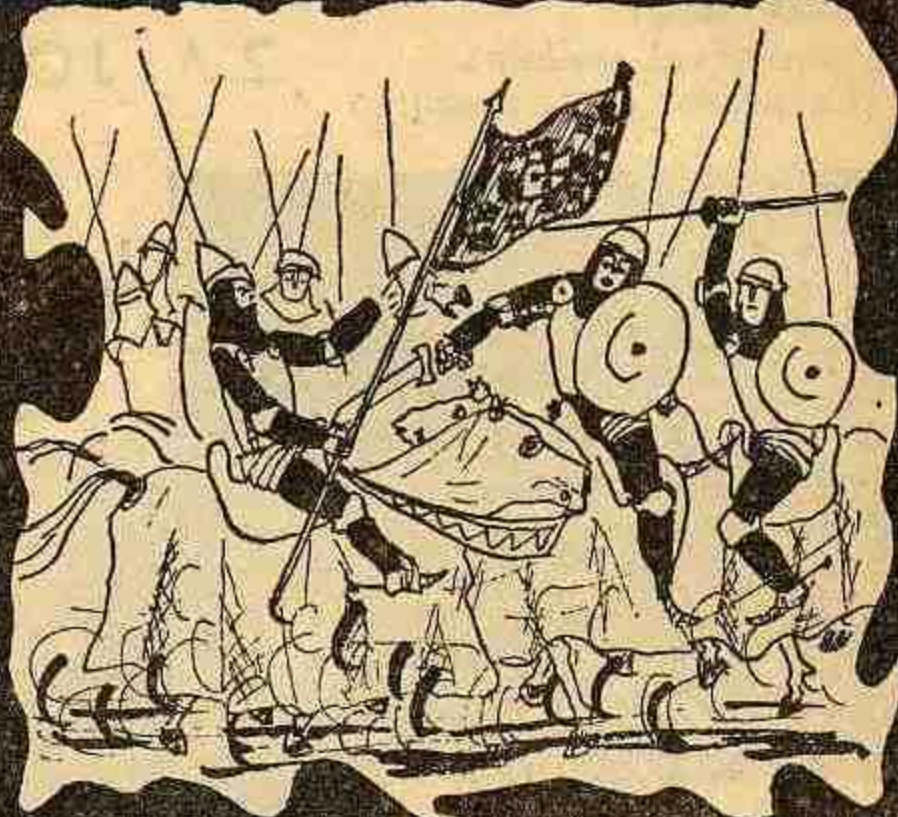
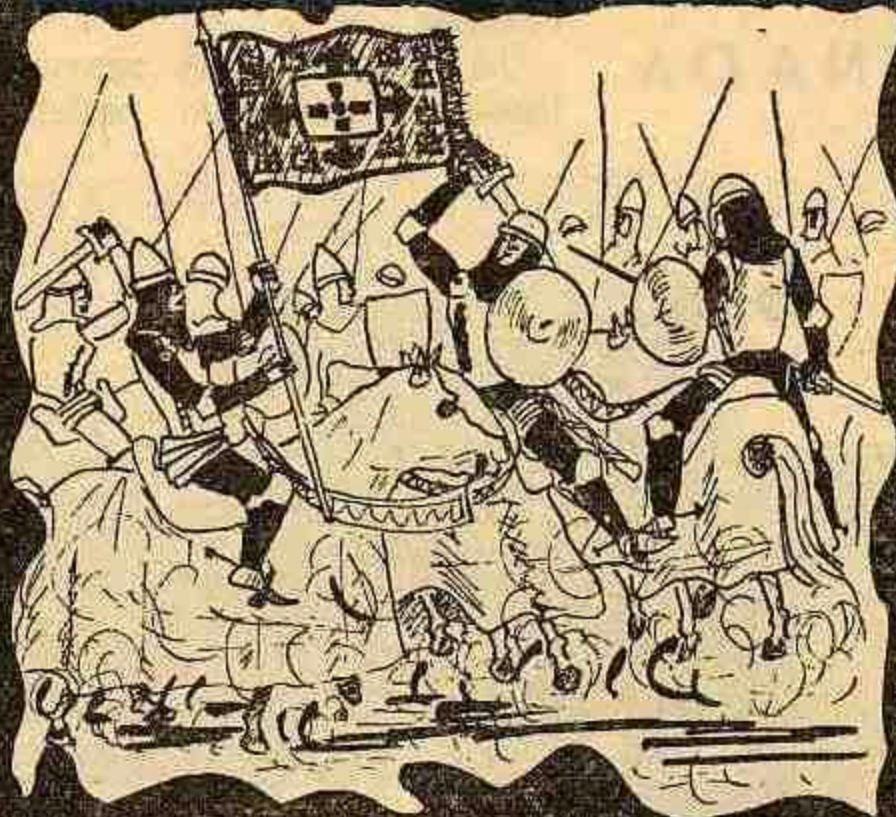
Boa Sorte!

A lição do Decepado

Ao festejarmos o Patrono do nosso Centro não podemos deixar de meditar na alta lição que à juventude portuguesa de todos os tempos deu o bravo Alferes Mor que em Toro defendeu com bravura inexcedível o Pendão Real das Quinas.

O feito de Duarte de Almeida não é um episódio isolado mas a resultante dum sentimento que deve ser de todos e a todos conduzir para além das dores físicas, do sacrifício da vida e na defesa de honra, única razão por que vale a pena viver e morrer.

Ao lembrar o Decepado do século XV o meu espírito percorre a história evocando os bravos alferes que tiveram como ele a glória sublime de conduzir a Bandeira da Pátria nas lutas da Restauração, nas Campanhas de Guerra Peninsular, na gesta africana do século passado para se demorar em contemplação, misto de orgulho e de ansiedade, mas que actualmente erguem as Quinas de Portugal, bem alto para que todos as vejam, nas tão portuguesas Províncias Ultramarinas.

Que todos sejam novos Duartes de Almeida e que nós, quando soar a nossa hora, sejamos todos dignos deles.

O DECEPADO
Na Batalha de Toro Portugueses e Castelhanos disputavam o trono de Castela. Duarte de Almeida era o nosso porta-bandeira
Os inimigos cortaram-lhe as mãos, o que o não impediu de segurar a Bandeira com os dentes enquanto lhe restou vida. Que o nosso sangue salve a Honra da Pátria, se preciso for